



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

Sem URL

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

POR UMA DRAMATURGIA MONSTRA!

Lara R. Duarte
Matteo Bonfitto

Resumo

Trata-se do compartilhamento de parte da pesquisa “Compêndio de Decomposições Dramatúrgicas: Por uma Dramaturgia Monstra” que visa a criação de uma espécie de “aglutinação de práticas para dramaturgos” composta por “cartões de exercícios”, buscando maneiras de praticar dramaturgia performativa. O texto irá abordar a noção de monstro em diversas perspectivas: desde a noção de monstruosidade no imaginário artístico e social, na psicanálise, no cinema, na literatura, e aponta para a noção de monstro enquanto recusa do belo animal aristotélico, relacionando-se ao performativo por fazer do corpo uma questão central. Será abordada também a tentativa de oposição a uma espécie de norma social ou status quo representado pelo “herói”.

Palavras-chave: Monstro; monstruosidade; dramaturgia; performance.

Abstract

This is the sharing of part of the research “Compendium of Dramaturgical Decompositions: for a monster dramaturgy!” which aims to create a kind of “agglutination of practices for playwrights” composed of “exercise cards” seeking ways to practice performative dramaturgy. The text will address the notion of monster in various perspectives: from the notion of monstrosity in the artistic and social imaginary, in psychoanalysis, in cinema, in literature, and points to the notion of monster while refusal of the beautiful Aristotelian animal, to the performative by making the body a central issue. It will also address the attempt to oppose a kind of social norm or status quo represented by the “hero”.

Keywords: Monster; monstrosity; dramaturgy; performance.

Monstruosa. Desviante. Perversa. Anormal. Deformada. Cheia de cicatrizes. Noto a cabeça inumana ou é o corpo animalizado que me assusta? As cicatrizes são na verdade feridas abertas costuradas às pressas. O sangue que escorre não é vermelho. Olho-me no espelho e a vejo através do reflexo, viro para trás e não há ninguém. Observo dentes pontudos, garras, o corpo coberto por pelos. Ela deixa uma grande pegada num caminho deserto, força bruta, muita força, encontro a pegada quando estou perdida. Ela surge do vão embaixo da cama, vem se rastejando, ela surge da fresta da porta e bloqueia a entrada da luz, surge de um lugar inesperado. Escuto um barulho, mas são só as roupas disformes no mancebo... O mesmo vai embaixo a cama, em plena luz do dia não significa nada. Mas agora é noite. Terror noturno. Ela sempre vem a noite. Sinto medo e deito seu cadáver na mesa de dissecação. Admiro e ela me abocanha a jugular.

Quando o monstro surge uma cena se inaugura¹. O monstro precisa de um contexto que o torne monstruoso e constela os sentidos trazendo em seu próprio corpo vetores opostos e em contradição. A curta narrativa acima pode ser a materialização de uma figura monstruosa genérica elaborada por um imaginário infantil não muito criativo, ou também se configurar enquanto uma relação estabelecida com a dramaturgia. Mais especificamente com a dramaturgia performativa. Performativo e monstruoso dialogam no universo da pesquisa dramática em questão pois ambos trazem no corpo e fazem do corpo um elemento central. Etimologicamente a palavra monstro deriva do latim *monstrum* também originado dos verbos *mostrar*, *demonstrar*. Seu significado primeiro é “apontar, indicar com o olhar, indicar o caminho que deve ser seguido”. Além disso, outra concepção possível para *monstrum* é “marca divina”.² Nessa etimologia latina da palavra é possível perceber que o monstro, em sua concepção primitiva, é uma espécie de guia, de escolhido que aponta uma possibilidade de caminho. O monstro aponta um caminho desviante,

orquestrando na sua contramão o caminho do “não-monstro”, que pode ser lido a priori como um caminho de transgressão a norma, ou em elaborações mais complexas, pode-se estabelecer uma espécie de “ética monstra” em que o monstro-do-monstro não estabelece necessariamente uma cisão NÓS x ELES ou EU x OUTRO. Ainda sobre sua concepção etimológica é possível constatar que:

Recorrendo ao linguista Émile Benveniste, José Gil afirma que, etimologicamente, *monstrare* significa muito menos mostrar do que “ensinar um determinado comportamento, prescrever a via a seguir” (Benveniste, citado por Gil, 2006, p. 74). Só que, apesar dessa etimologia, o monstro mostra mais do que tudo o que é visto, pois mostra o irreal verdadeiro (Peixoto Junior, 2010).

No campo dos estudos literários o monstro é considerado uma presença encantada e tem-se a noção de “Lupus in fabula” que é a materialização manifestada daquilo que foi dito, por exemplo, nenhuma criança dos anos 90 se atreveu a dizer loira do banheiro três vezes seguidas enquanto lavava as mãos. O monstro surge e a sua presença tem a capacidade alterar o status da realidade. Vale também recordar a ação compartilhada por muitos, mas em especial pelas crianças, de tapar os olhos com as mãos quando se está diante do monstro. Porém, pelas frestas dos dedos, deixamos que nos invada um misto de horror e fascínio.

Em *Monster Theory*, o organizador da coletânea Jeffery Jeremy Cohen, sugere que as culturas sejam lidas através dos monstros que engendram. Conferindo ao monstro um valor de “Zeitgeist” que pode ser traduzido como uma noção de espírito ou fantasma do tempo”, conceito que traz em seu núcleo a crença no monstro enquanto um mentor do caminho ou do tempo, já que fantasmas e espíritos, manifestam em seu corpo a contradição entre matéria e não matéria, morte e vida. Cohen ainda propõem uma politização da presença monstruosa exemplificada no trecho a seguir:

O filme de maior bilheteria em 1993 foi *Jurassic Park* de Steven Spielberg. O enredo do filme/colosso de marketing envolve o retorno da morte

¹ Informação verbal proferida pela pesquisadora da APPH Anelise de Carli no curso “monstros nas imagens e na literatura”.

² Online Etymology Dictionary, 2022. Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso em: 2 set. 2022.

dos monstros primordiais, os dinossauros, que ameaçam a integridade da família americana por tentar devorar suas crianças. Jurassic Park poderia ter sido uma obra cinematográfica muito superior se os velociraptos computadorizados tivessem de fato devorado as crianças e não apenas tentado, pois, esses monstros primordiais chegaram em uma época em que as famílias nucleares precisavam se incomodar (Cohen 1996).

Em termos ficcionais o monstro se opõe ao herói, e o herói por sua vez segue em sua trajetória, sendo antagonizado pelo monstro, que será derrotado ao final da missão. Em termos melodramáticos o monstro é o mau em oposição ao bem, que triunfará. Ou ainda em termos míticos, o monstro é resultado da ira dos deuses ou das peripécias do destino, que levará a curva ao clímax expurgando as mazelas da plateia através do horror e da piedade. Uma perspectiva monstruosa geralmente se opõe a heroica. É o monstro que impede ou dificulta o protagonismo do herói. O monstro freia a vitória consecutiva. O herói age, domina, resolve. O herói exibe a sua força e a sua virilidade. O herói age obsessivamente, age compulsivamente em nome do bem comum, já que só ele sabe o que é melhor para toda a sociedade. Mas quem autoriza o herói a agir? E se ele age mesmo assim, por que ele não precisa de autorização? O monstro é sempre o Outro. Assumir para si a monstruosidade tem a ver também com admitir uma série de comportamentos e contradições. Maíra Marcondes Moreira no artigo “as vozes das mulheres e o indizível da mulher” aborda entre muitos tópicos que em diversas produções audiovisuais o monstro ou o vilão costuma ter uma “aparência queer”, mesmo que de difícil definição, a “aparência queer” situa-se no campo dos desvios da norma e da dissidência de gênero. Retomando a presença do corpo do monstro que evoca o seu contrário, seria possível dizer então que o herói tem uma “aparência heterossexual” ou uma “aparência normativa”? Ou ainda vale o questionamento do que se trata uma aparência heterossexual, já que por se definir como uma identidade sexual dentro da norma é muito pouco avaliada por seus fatores singula-

res. Então, nesse cenário o monstro descolore as sobrancelhas e abusa dos piercings e tatuagens, na contraface, o herói traja seu uniforme de sapatênis e camisa Polo. Logo, é simples defender o monstro, mesmo que por vezes cansativo ou violento, porque nessa cena, o monstro se opõe a uma norma a priori já combatida. Nesse sentido assumir a monstruosidade numa perspectiva construtiva pode ser entendido como por exemplo refazer o sentido pejorativo das palavras “sapatão”, “viado”, “bicha” que são transformadas pela comunidade LGBTQIAP+ em simples vocativos ou palavras afetuosas. No campo da literatura e das histórias fantásticas o monstro que não é o responsável pela sua própria figuração monstruosa tem menos poderes mágicos do que aquelas criaturas assumidamente monstras. Cabe a metáfora para os temas relacionados a gênero e a sexualidade. Mas para além do caráter construtivo, assumir a monstruosidade se relaciona também com um caráter contraditório, já que “o monstro sempre desestabiliza a representação e a identidade em suas diversas formas de expressão”. Desestabilizar as fronteiras da representação também se relaciona com os aspectos performativos da pesquisa que serão abordados mais adiante.

Não acredito que seja possível traçar apenas uma defesa do monstro por mais tentador que seja acreditar que *la historia me absolverá*³, ao passo que assumir as contradições, o fragmento e as forças opostas enquanto uma estrutura, seja dramaturgica, seja identitária, pode trazer sim um caráter desmobilizador e de difícil decifração. Delegar a monstruosidade ao Outro foi e segue sendo uma estratégia de manutenção de paradigmas coloniais, bem como de relações de poder desiguais.

O monstro é a diferença feita de carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como o Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles *locos* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa

³ Frase proferida por Fidel Castro, líder da revolução cubana, no contexto de seu julgamento pelo assalto ao quartel de Moncada em 1953.

tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual. O processo pelo qual a exageração da diferença cultural se transforma em aberração monstruosa é bastante familiar. A distorção mais famosa ocorre na Bíblia, onde os habitantes aborígenes de Canaã, a fim de justificar a colonização hebraica da Terra Prometida, são imaginados como gigantes ameaçadores (Números, 13). Representar uma cultura prévia como monstruosa justifica seu deslocamento ou extermínio, fazendo com que o ato de extermínio apareça como heroico (Cohen, 2000).

Seguindo essa linha, a monstruosidade enquanto uma perspectiva acusatória, ou seja, delegar ao Outro a figuração monstruosa, é uma ação com grande potencial fascista e discriminatório. Cohen, ao ser indagado se os monstros de fato existem, responde que obviamente que existem, se não existissem, como nós existiríamos? Portanto, habitar a fronteira turva proposta pelo monstro, por mais angustiante e, por vezes sedutor, é fundamental reconhecê-lo e reconhecer a sua potência no embaralhamento de dicotomias e binarismos.

A divisão de significado em polos opostos é um artifício da linguística que denota um conceito a partir de sua oposição: claro/escuro; dia/noite; sim/não; fraco/forte, etc. Mas o monstro habita uma “encruzilhada metafórica”⁴, traz em seu corpo a ambivalência dos contrários, sem apaziguar a tensão gerada pelos dois polos. Não à toa, as criaturas monstruosas costumam apresentar uma cabeça inesperada. Seja pelo seu aspecto antropomorfo dotado de uma razão humana, ou sua aparência humana com uma razão animal. Novamente, o corpo do monstro sintetiza a contradição dos binarismos seja corpo x mente ou humano x animal. Além disso, a cabeça enquanto expressão dessa pretensa superioridade da razão em relação ao corpo (como se razão ou outras faculdades mentais não fossem também uma expressão corpórea.) se apresenta no monstro como inesperada, inapreensível, é impossível prever o que virá de uma cabeça monstruosa, por tanto, também representa perigo, já que o

monstro está na fronteira do humano e do inumano, seja lá o que inumano signifique.

O monstro é, dessa forma, a corporificação viva do fenômeno que Derrida (1974) rotulou de “o suplemento” (*ce dangereux supplément*): ele desintegra a lógica silogística e bifurcante do “isto ou aquilo”, por meio de um raciocínio mais próximo do “isto e/ou aquilo”, introduzindo o que Barbara Johnson (1981, p. xiii) chamou de “uma revolução na própria lógica do significado” (Cohen, 2000).

A experiência religiosa associada a mitologia judaico-cristã costuma associar o monstruoso ao diabólico. Deus representa o campo das ideias, do sublime, da alma e o Diabo representa o corpo, os instintos, o pecado. Mas contraditoriamente é através do sacrifício do corpo que se atinge uma experiência sagrada. O corpo na prática religiosa, que une baixo e alto ventre é uma espécie de monstro ou figura-se enquanto monstruoso através de sacrifícios e punições, na medida em que aponta o caminho que deve ser seguido em direção a Deus. Elisabeth Roudinesco no livro “A parte obscura em nós: a história dos perversos” discute largamente a questão citada.

Nessa perspectiva, a salvação do homem reside na aceitação de um sofrimento incondicional. E esta é a razão de a experiência de Jó ter sido capaz de abrir caminho para as práticas dos mártires cristãos — e das santas mais ainda — que farão da destruição do corpo carnal uma arte de viver e das práticas mais degradantes a expressão do mais consumado heroísmo. [...] Assim, quando foram adotados por determinados místicos, os grandes rituais sacrificiais — da flagelação à devoração de excrementos — tornaram-se a prova de uma santa exaltação. Aniquilar o corpo físico ou expor-se aos suplícios da carne: eis a regra dessa estranha vontade de metamorfose, única capaz, diziam, de efetuar a passagem do abjeto ao sublime (Roudinesco, 2008).

O monstro é uma criatura em metamorfose que recusa uma fácil rotulação, funcionando assim como um conceito aberto, fronteiro, um “signo delirante”⁵ na medida em que traz a cena um “corpo não codificado que se prolifera num processo de absorção de signos”⁶.

⁴ COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

⁵ PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. *Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 179-187, jan./mar. 2010.

⁶ Idem.

Os impressionantes relatos de práticas sacrificais relacionadas a Cristo no período da Idade Média poderiam ser facilmente confundidos com descrições detalhadas de cenas de “horror corporal”. Linda Williams define os três “gêneros de excesso” do audiovisual, sendo eles, horror corporal, melodrama e pornografia. Não atoa o excesso desses gêneros relacionar-se a materialidades do corpo, seus excrementos, secreções e vísceras, compondo a tríade: sangue, lágrima, e gozo, figurando, respectivamente, cada um dos gêneros citados. Retomando as práticas sacrificais, vale notar que é através de um encontro com o monstro no próprio corpo que se atinge uma certa expectativa sublime. Mais uma vez o monstruoso é sinônimo de contrários, aqui no caso grotesco e sublime, unidos na mesma superfície, exemplificado no trecho a seguir:

Marguerite-Marie Alacoque dizia-se tão suscetível que a visão da menor impureza sobressaltava-lhe o coração. Porém, quando Jesus chamou-a à ordem, ela só conseguiu limpar o vômito de uma doente transformando-o em sua comida. Mais tarde, sorveu as matérias fecais de uma disenteria declarando que aquele contato bucal suscitava nela uma visão de Cristo mantendo-a com a boca colada em sua chaga: “Se eu tivesse mil corpos, mil amores, mil vidas, os imolaria para lhe ser submissa.” Catarina de Siena afirmou um dia não ter comido nada tão delicioso quanto o pus dos seios de uma cancerosa. E ouviu então Jesus lhe falar: “Minha bem-amada, travaste por mim grandes combates e, com a minha ajuda, saíste vitoriosa. Nunca me foste mais querida e mais agradável [...] Não apenas desprezaste os prazeres sensuais, como venceste a natureza bebendo com alegria, por amor a mim, uma horrível beberagem. Pois bem, uma vez que praticaste uma ação acima da natureza, quero oferecer-te um licor acima da natureza” (Roudinesco, 2008).

Roudinesco, embasada pelo pensamento de Foucault, discute também as perspectivas do perverso no contexto da sexualidade e do crime. No âmbito da sexualidade, o livro se dedica as práticas da medicina mental do século 19 e sua obsessão pela “criança masturbadora”, “o homossexual”, e “a mulher histérica”, que poderiam ser considerados monstros de

seu tempo, confirmando que as práticas perversas, assim como os monstros, são absolutamente contextuais, e se transmutam ao longo da história. Também enquadra o século 20 em sua expressão de perversão máxima através do nazismo, além disso, faz uma vasta descrição de criminosos desde a idade média até crimes mais contemporâneos. É possível notar que o ato de perverter é absolutamente condicionado a uma ação de transgressão, é uma mudança da rota do dito “natural”, é a ação deliberada de tomar um caminho desviante. Mas qual a medida? Quando o antagonista do monstro é o herói heterossexual, a transgressão é bem-vinda, mas e quando o antagonista do monstro é algo caro a sua própria ética? O antagonismo em relação a lei, por exemplo, como fazer a defesa? No atual contexto, o presidente do país⁷ poderia ser considerado um monstro que age desrespeitando normas, transgredindo leis, estrangendo. Seremos seduzidos pelo heroísmo de combater ou assumiremos o complexo corpo desse monstro que engendra questões pertinentes ao contexto sócio-histórico do Brasil, esse corpo que revela a nossa inabilidade em dialogar. E em relação aos termos legais, como assumir com ética quais leis transgredimos? Quais ilegalidades são justificáveis? Assumo a monstruosidade na transgressão da lei quando a infrinjo em nome de praticar um aborto, por exemplo, mas em relação a práticas que envolvam assassinatos, sinto um imenso alívio do monstro ser o outro, ser essa figura externa. Ao ser confrontada com a violência acabo por apaziguar, recalcar, ou expressar o meu próprio impulso monstro. A lei está sempre atrasada em relação as demandas da sociedade, sendo muitas vezes confundida com o “certo”, “o justo” e o “ético”, mas trata-se de uma intrincada e hermética linguagem que almeja construir um certo senso de convívio coletivo, mas que em muito, reforça lógicas opressivas e sustenta a manutenção de relações desiguais. Sorte que temos os monstros nos apontando uma outra possibilidade de caminho. Sorte?

⁷ Trata-se do presidente eleito que ocupa o cargo em 2022.

É possível também observar os monstros a partir de uma perspectiva teratológica, que a rigor, é considerada atualmente uma vertente da medicina que estuda má formações genéticas ou anomalias embrionárias. Definir o “doente” invoca seu contrário o “saudável”, e como a sociedade lida com suas doenças, mortes e curas também é situacional. Ou seja, independente do contexto o monstro continua inaugurando uma cena que orquestra os sentidos. O que é lido como doente é alvo de diversos estigmas, sendo muitas vezes apartado do convívio social, principalmente quando a classificação é no âmbito da saúde mental. Por outro lado, a definição possibilita avanços medicinais no que tange a descoberta da erradicação de doenças, a exemplo das vacinas, que foram extremamente aguardadas e festejadas no período pandêmico. Mas teratologia também significa estudo dos monstros, sendo etimologicamente derivada do grego, das palavras “terato” (monstro) e “logos” (estudo/razão/ciência), que demarca um período em que o pensamento científico era condicionado a um viés teológico e mítico. Inclusive no que tange a nomenclatura dessas doenças congênitas a relação com as criaturas fantásticas é evidente: “A deformação em que a criança nasce com apenas um olho, por exemplo, é conhecida como ciclopeia, lembrando o Ciclope, gigante caolho que o aventureiro Ulisses derrota na Odisseia, poema épico de Homero⁸” e ainda “A síndrome de Hurler que já foi chamada de gargulismo. As deformações faciais típicas desta doença supostamente tornariam suas vítimas parecidas com as gárgulas, aqueles monstros de pedra que adornam catedrais góticas.”⁹ Seja pela ira ou bondade dos deuses, presságios benéficos ou mau agourados, a teratologia já estabeleceu uma relação mais “encantada” com o objeto de seu estudo. Mas a relação de encanto mistura-se muito facilmente a uma observação perversa do monstro denominado a partir da diferença.

A história cultural da deficiência física é marcada pelo preconceito, pelo medo da diferença

[...] Também há um elemento de fascínio perverso pela suposta “aberração”, que se revela na exibição de deficiências raras em espetáculos de circo ou, atualmente, em programas de televisão.[...] A arte pré-histórica já traz registros de seres humanos com malformações; na Austrália, foram encontrados desenhos e esculturas primitivas, datando provavelmente de 5000 a 4000 a.C., retratando bicéfalos conjugados (isto é, gêmeos siameses com duas cabeças num mesmo corpo). Na Antiguidade, a norma geral parece ter sido a condenação à morte para recém-nascidos defeituosos. Um texto chinês do período Q Qu’in (200 a.C.) estabelecia punições para infanticidas, mas ressaltava que matar crianças deformadas não constituiria crime. [...] O cirurgião-barbeiro Ambroise Paré lançaria em 1573 um livro que se tornaria uma espécie de clássico da teratologia: *De Monstros e Prodígios*. Essa obra, que hoje poderia ser lida como peça de literatura fantástica, sintetizava muitas das convicções correntes entre os médicos. O texto era ricamente ilustrado com gravuras de sereias aladas, meninos com rabo de cachorro, crianças com cara de rã, mulheres com duas cabeças, potros com cabeça humana. Paré listava causas variadas para a criação de “monstros”: intervenção divina; ação de bruxos e demônios; excesso, falta ou corrupção do sêmen. A impressão materna destacava-se nessa etiologia fantástica. Paré dizia, citando autoridades antigas (inclusive Hipócrates), que uma gestante de imaginação ardente poderia imprimir marcas no filho. Recomendava, pois, que as mulheres não olhassem nem pensassem em coisas monstruosas no momento da concepção e nos primeiros meses de gestação (DA REDAÇÃO, 2016).

Numa perspectiva psicanalítica o monstro e o conceito Freudiano do “unheimliche” se relacionam intimamente, na medida em que ambos “desenvolvem o seu significado na direção da ambiguidade até coincidirem com seu oposto”¹⁰. Por se tratar de um conceito bastante complexo diferentes traduções do termo alemão já foram feitas. Em espanhol, “lo siniestro”, “lo ominoso”; em italiano “Il perturbante”; Em francês “L’inquietant étrange”; Em inglês “The uncanny”; E em português “o inquietante” e o “infamiliar”. A palavra “unheimliche”

⁸ Da redação. Monstros e prodígios. <https://super.abril.com.br/ciencia/monstros-e-prodigios/>. Atualizado em 31 out 2016, 18h49 - Publicado em 31 jul 2003, 22h00.

⁹ Idem.

¹⁰ FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, S. Obras Completas, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

tem o prefixo “un” de negação, então seria o oposto de “heimliche” que significa “doméstico, autóctone, familiar”; logo o unheimliche seria a angústia causada pelo desconhecido. Mas nem tudo que é desconhecido é capaz de promover angústia, é preciso habitar o mesmo mundo que o monstro para que se possa vê-lo e se inquietar com a presença. Freud defende que a sensação do inquietante tem a ver com o reconhecimento daquilo que deveria ser desconhecido, o retorno de algo que ficou recalçado pelo inconsciente. Desde pulsões da infância a perspectivas que incluem os saberes de outros tempos, como se testássemos se o mundo é mesmo mágico ou não. Ainda na acepção da palavra, o “heimliche” representa a casa, a confiança, a intimidade, a vida e o seu oposto representam o estrangeiro, o medo, a morte etc. Mas “heimliche” significa também “oculto, velado”, então é possível estabelecer também uma posição entre aquilo que é “privado, escondido, recalçado” e aquilo que é “público e revelado para todos”. Ou seja, o monstro deveria continuar oculto, mas ele apareceu e desestabilizou as representações.

E agora o que fazer diante dessa criatura? Posso fugir, atacar, me fingir de morta, mas a sensação que o monstro promove é o reconhecimento daquilo que já se conhece. Diante do monstro não tenho escapatória. Posso me envolver na coberta que amparou por muitos anos o medo do escuro, mesmo numa noite quente quanto mais pesado fosse o cobertor menos tortuoso seria o processo do sono. Posso descobrir o antidoto, um elixir de cor vibrante guardado em uma garrafinha de vidro, e durante um beijo de língua, desses beijos lentos e com sons de saliva, despejar através da minha boca, todo o líquido na boca monstruosa. Posso cravar uma estaca no seu coração gigante, e enterrar fundo, até que parte da minha mão é tragada, começando pela ponta dos dedos, mas rapidamente envolvendo toda a mão. Penetro esse corpo desconhecido e sinto um estranho prazer no contato com a carne fria, as vísceras e a viscosidade do sangue. Mas num descuido, eu vacilo com a pressão da estaca, o monstro segura meu pulso com força e me olha com serenidade.

“Duma bem”.

DUARTE, L R; BONFITTO, Matteo. **Por uma dramaturgia monstra!** Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; Instituto de Artes – IA/UNICAMP; Mestrado em Artes da Cena; Matteo Bonfitto. Bolsista CAPES.

REFERÊNCIAS

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Monster Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

DA REDAÇÃO. **Monstros e prodígios**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/monstros-e-prodigios/>. Atualizado em 31 out. 2016, 18h49 - Publicado em 31 jul. 2003, 22h00.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. “Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas e partir da filosofia da diferença”. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 179-187, jan./mar. 2010.

ROUDINESCO, E. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.